

Ano 12, Vol XXIV, Número 2, jul-dez, 2019, Pág. 152-168.

PSICOLOGIZAÇÃO ESCOLAR: O LUGAR DA PSICOLOGIA E DA PSICOPEDAGOGIA

Phagner Ramos

Resumo: O lugar da psicologia na educação tem sido questionado pelos profissionais do ensino, devido ao processo de psicologização eminente, em especial por seu resultado patologizante na infância. A sociedade tem se pautado numa obsessão diagnóstica, na procura a cada movimento diferente de uma patologia a ser identificada. Este trabalho se propõe a refletir sobre o processo de psicologização atual. A entrada da psicopedagogia, e da psicologia na escola, seriam a causa dessa psicologização? Ou o produto gerado por esse processo? Busco passear pela história da escola e da psicopedagogia para refletir sobre tal situação. Percebendo na emergência da sociedade de seguridade, transformar-se o ideal disciplinar, em ensejo pela prevenção. Dando origem aos movimentos higienistas, e do estado médico como interventivo na vida em sociedade. As ciências da saúde atrelam-se ao discurso medicalizante, transformando do status quo da psicologia, e da psicopedagogia, enquanto dispositivos de prevenção das categorias anormais. O conhecimento psi co-constrói como dispositivo da seguridade, o que explica o uso indiferente de diagnósticos como rótulos a qualquer mudança da norma. Propõe perceber essas forças atuantes para que construa-se uma psicologia escolar e uma psicopedagogia voltadas para a libertação desse processo.

Palavras-Chave: Patologização; Seguridade; psicologia.

Psicologización Escolar: el lugar de la psicología y de la psicopedagogía

Resumen: El lugar de psicología en la educación ha sido cuestionado por los profesionales de la enseñanza, debido al proceso de psicologización eminente, en especial por su resultado patologizante en la infancia. La sociedad ha pautado en una obsesión diagnóstica, en la búsqueda a cada movimiento diferente, quedándose una patología a ser identificada. Este trabajo se propone a reflexionar sobre el proceso de psicologización actual. ¿La entrada de la psicopedagogía, y de la psicología en la escuela, serían la causa de esa psicologización? ¿O el producto generado por ese proceso? Busco pasear por la historia de la escuela y de la psicopedagogía para reflexionar sobre tal situación. Percibiendo en la emergencia de la sociedad de seguridad, transformarse el ideal disciplinario, en ocasión de la prevención. Dando

origen a movimientos higienistas, y del estado médico como interventivo en la vida en sociedad. Las ciencias de la salud se atreven al discurso medicalizante, transformándose del status quo de la psicología, y de la psicopedagogía, como dispositivos de prevención de las categorías anormales. El conocimiento psi co-construye como dispositivo de la seguridad, lo que explica el uso indiferente de diagnósticos como etiquetas a cualquier cambio de la norma. Propone percibir esas fuerzas actuantes para que se construya una psicología escolar y una psicopedagogía dirigidas a la liberación de ese proceso.

Keywords: Patologización; Seguridad; psicología.

A Identidade da Psicopedagogia e o Processo de Psicologização da Educação

Se alguém passa por dias tristes, está depressivo. Se a criança tem muita energia, tem TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Se alguém muda de humor facilmente, tem bipolaridade. Se tiver dificuldade em fazer cálculos tem discalculia. Os exemplos são infinitos para “Welch, Schwartz e Woloshin (2008), a medicalização da vida cotidiana, capaz de transformar sensações físicas ou psicológicas normais (tais como insônia e tristeza) em sintomas de doenças (como distúrbios do sono e depressão), vem provocando uma verdadeira “epidemia” de diagnósticos.” (Meira, 2012, p. 2)

O processo de patologização é descrito como a utilização em demasia do discurso médico/patológico em todos os âmbitos da vida cotidiana (Meira, 2012). Em outras palavras é um processo em que todos os comportamentos, sentimentos e pensamentos que fujam de um padrão ideal de normalidade pré-estabelecido, a priori do sujeito, recaem sobre o discurso explicativo e diagnóstico da medicina e das áreas afins da saúde.

Ao construir diagnóstico para o cotidiano, se torna uma consequência real que se estimule o discurso dos tratamentos e das curas destas ‘patologias’, e por assim dizer vemos acender a plenitude dos remédios e de seus usos, em um processo paralelo e consequência da patologização, a medicalização. Questiona-se, em consequente, o uso tão recorrente da medicalização, em suas várias vertentes a partir do profissional de saúde de referência, refletindo se não estaríamos caminhando para tornar real a história do livro “O Alienista”, e criar uma sociedade dentro do manicômio.

A psychologização, a vertente psicológica da medicalização, afeta diversos campos da sociedade, cada aspecto da vida humana passa a ser observado e contemplado, analisado e diagnosticado, assim como em o Alienista. De forma especial,

a infância, e mais precisamente, a escola é envolta nessa preocupação. Desde o início, portanto, essas duas áreas, educação e psicologia, foram envolvidas na mesma preocupação, por isso não se fez surpresa o surgimento da psicopedagogia.

A psicopedagogia, área de ocupação e prática, ainda recente e envolta em suas próprias discussões quanto a sua identidade, é imersa na discussão sobre a psicologização, ou seja, no processo de inverter e reduzir o discurso da educação, de um discurso da pedagogia para um discurso puramente psicológico. Além disso, cria nos pais e professores o receio pernicioso de se responsabilizar pela educação das crianças, já que estes não teriam o conhecimento especializado para intervir, não teriam a verdade, como apontado por Lajonquière (1999) que:

“(…), os adultos condenam-se a experimentar um sentimento de vergonha atrelada a um certo medo de vir a errar junto à criança. Assim como o professor pergunta a supostos especialistas em educação sobre suas ações, e com isso se demite do ato, os pais fazem a mesma coisa. Obviamente, quem nunca toma nenhuma decisão em nome próprio nunca erra.” (p. 41)

Com o desejo de jamais “errar” acabam por convocar, e se deixar levar pelo discurso dos profissionais Psi. Estes últimos por sua vez criam uma série de ‘bem-fazer’, e às vezes até manuais para indicar o que deve, de que forma e quando deve ser feito.

A pedagogia tem sua teoria e prática fortalecida, e a psicopedagogia seria, assim um discurso de união entre psicologia e pedagogia, que fortaleceria o papel e a atuação do pedagogo no contexto teórico e prático da educação.

Por outro lado muitos autores têm mostrado enfaticamente que a psicopedagogia tem servido para aprofundar ainda mais o processo de psicologização na educação. Isso pode ser defendido já que através disto os dispositivos psicológicos tem se tornado cada vez mais comuns dentro das escolas, “nesse sentido, observamos que há uma psicopedagogização das experiências educativas – tanto familiares quanto escolares – que não é outra coisa que o corolário desse processo de psicologização de reflexão pedagógica moderna.” (Lajonquière, 1999, p.25)

Em meio a esse impasse que este artigo se insere, tentando refletir sobre a constituição, histórica e epistemologia, da identidade psicopedagógica e averiguar suas relações com o processo de psicologização.

Reconhece-se, com toda a certeza, a missão epopéica de responder a essa pergunta. Propondo-se nesse momento muito mais que responder perguntas, possibilitar reflexões sobre a questão fazendo uso da revisão bibliográfica disponível.

A Identidade Psicopedagógica: sua história

“Não creio que esteja no nome - pelo qual poderia, simplesmente, ser confundida com um saber de fronteira ou de interseção - a dificuldade maior para a apreensão do que é realmente específico desse saber em estruturação. Ao contrário, o nome já é ele mesmo, a tradução desta dificuldade. Por que chamá-la de psico-pedagogia (há, ainda, quem escreva os dois termos separados), se não se trata de uma psicologização da pedagogia ou de uma paidologização do psicológico?” (Soares, 1999, p. 93)

A psico-pedagogia ou psicopedagogia, ainda em estruturação dificulta a possibilidade de construir noções reais de sua identidade e sua práxis. Contudo, se hoje é assim isso vem de um processo histórico que precisa ser rememorado.

Em meados do século XIX eram poucas as preocupações com o cenário escolar, só com a idéia do direito universal da educação é que a educação se torna um problema, pois neste momento que a escola passou a receber e gerar os alunos que ‘não aprendiam’. Estes alunos excluídos da escola passaram a ser símbolo do fracasso da escola, e nesse momento foram surgindo dispositivos do estado para intervir e evitar esta ferida.

Nesse contexto, especificamente em 1920, na Europa, surge como uma iniciativa de Lacan um centro de psicanálise e educação “buscando uma aplicação dos pressupostos teóricos da psicanálise na Educação Infantil” (Andrade, 2004), iniciativa seguida por Manonni (Lajonquière, 1999) as quais abriram as portas para o surgimento do pensamento psicopedagógico enquanto profissão e prática.

Esse primeiro marco é sinalizado como um momento em que a psicopedagogia permanece com uma atuação voltada essencialmente a clínica, e ao ideal de que seu objetivo seria tratar os bloqueios psíquicos que evitavam a educação (Andrade, 2004).

Enquanto na Europa, a psicopedagogia se constituía e se abrangia a Argentina seguidora fervorosa do pensamento e atuação acadêmica européia, em especial da psicanálise, instituiu o primeiro curso de graduação em psicopedagogia da América -

Latina em 1956, tendo como campo de atuação a clínica, ainda influenciados pelas primeiras iniciativas psicanalíticas européias (Gonçalves, 2007).

A psicopedagogia só passa a ser compreendida em outros contextos a partir da difusão de outras teorias do desenvolvimento, que tencionam a lógica de atuação na educação, a partir dos resultados negativos das escolas da época (Gonçalves, 2007).

Essa mudança de foco possibilitou novas intervenções da psicopedagogia, não apenas voltadas aos alunos e suas famílias, mas agora voltadas aos professores e a escola.

Já no Brasil a psicopedagogia inicia sua atuação através de influência dos argentinos exilados aqui, por evento da ditadura militar argentina. Nesse primeiro momento a prática psicopedagógica é silenciosa, e sem identidade (Andrade, 2004), o que acontece na prática são intervenções desses profissionais exilados auxiliando no problema de fracasso escolar brasileiro. Estas intervenções além de não reconhecidas pelo Estado brasileiro, eram pontuais e sem muita sistemática, contribuindo para o lançamento de várias formas de atuação que não convergiam e nem dialogavam.

O primeiro curso de psicopedagogia no Brasil só surge em 1979, na Sedes Sapientae – São Paulo, como especialização na área pedagógica e sem reconhecimento legal junto ao Ministério da Educação (Andrade, 2004). Estabelecendo que “o sujeito-objeto da psicopedagogia é o ser humano em situação de aprendizagem” (Muller, 1984 conforme citado em Andrade, 2004), definição utilizada até hoje, salvo as ramificações.

Até os dias de hoje, entretanto, a psicopedagogia parece não ter uma identidade profissional e teórica concisa, conseqüentemente aparecem práticas profissionais muito distintas, desde um acompanhamento clínico dos bloqueios e sofrimentos psíquicos, até a análise institucional da escola, passando por aulas de reforço e práticas lúdicas com jogos (Bauthney, 2012; Andrade, 2004; Lajonquière, 1999).

Alguns autores, entendendo essa não sistematização como um problema a se superar, têm tentado construir sistemáticas para essa prática. Elisa Azar (2012), a partir da leitura sistemática do campo argentino, tenta sistematizar a psicopedagogia em cinco campos de atuação: institucional, organizacional, privado/clínica, interdisciplinar e investigativo.

Resumidamente, se entende a atuação institucional, como prática voltada a análises macro do sistema de educação, incluindo gerência das escolas e dos

componentes curriculares. A organizacional vincula-se a atuação no local da educação propriamente dito, como a organização de suas atividades diárias, e objetivos práticos da atuação. A privado/clínico remete ao trabalho individual com o sujeito objetivando desfazer bloqueios e dificuldades individuais, com seus diagnósticos.

Na interdisciplinar é o trabalho junto aos demais profissionais da educação, objetivando “con el propósito de promover, prevenir y asistir al sujeto de aprendizaje de manera individual, grupal, organizacional o institucional” (p. 89). Em seu último campo de atuação, o investigativo, a psicopedagogia encontra espaço para o estudo e aprofundamento de suas demandas a partir de pesquisas em seus mais diversos tipos e atrelamentos.

Herdando da psicologia a linguagem da saúde, a psicopedagogia independente do campo de atuação, estará inevitavelmente atrelada à promoção, prevenção e/ou assistência ao sujeito em processo de aprendizagem (Azar, 2012). Essa definição de campo de atuação e atividades não atrela a psicopedagogia a escola necessariamente, abrindo assim espaço para atuação em outros locais em que o processo de ensino aprendizagem se torne pertinente.

Nesse mesmo artigo, a autora demonstra que o psicopedagogo necessita de conhecimento específico; unindo a psicologia e a pedagogia num novo campo científico diferente dos demais. Veja que, com isso, ela fortalece o ideal da psicopedagogia como ciência e profissão próprias, também defendidas por Gonçalves, (2007) e outras autoras.

Na Argentina a psicopedagogia é reconhecida como profissão e tem cursos de graduação próprios. Já no Brasil não há nenhuma regulamentação, apesar das tentativas de fazê-lo, e é reconhecida como especialização profissional da área escolar/educacional. Contudo, ainda existe no Brasil curso de graduação em psicopedagogia, não sendo reconhecido pelo MEC. Atualmente ainda há uma tensão política sobre a regulamentação profissional, evidenciado pela falta de certeza dos limites entre a psicopedagogia e a psicologia escolar/educacional.

Apesar de todas as tensões a psicopedagogia tem demonstrado resultados no diagnóstico e tratamento de várias demandas escolares (Sisto, Oliveira, Fini, Souza e Brenelli, 2002), desde os ‘tradicionais’ transtornos da aprendizagem, como dislexia, TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), desortografia, disgrafia, como também demandas sociais e de ensino que dificultam o aprendizado.

Por outro lado, a psicopedagogia, de forma especial sua faceta clínica, tem enfatizado e relançado o olhar das dificuldades de aprendizagem no sujeito que aprende. Quase que desreconhecendo todo um conjunto de fatores sociais que assolam este aluno dentro do sistema educacional.

Enquanto alguns alunos que não conseguem compreender que “Eva viu a uva” e por tal não se alfabetizam, outros são talentosos no uso dos números aplicados a prática, mas são reprovados durante anos por não conseguirem armar as ‘continhas’ (Nunes, Carraher e Schliemann, 2010), tais casos podem ser diagnosticados e passarem anos em um tratamento individual, sendo que uma mudança no sistema educacional seria bem mais proveitosa (como demonstram as pesquisas citadas).

A psicopedagogia encontra-se perdida em uma tendência que também atacou a psicologia por anos, a tendência da individualização das questões dos sujeitos, como se em todos os casos e hipóteses o problema primeiramente será do indivíduo e não do contexto.

Os mecanismos da Psicologização

Assim, se outrora teólogos, moralistas, políticos, filósofos, humanistas e pais de família discorriam sobre as vicissitudes da educação, hoje em dia, ao contrário, os que reclamam para si a potestade de pensá-las e usufruem de certa hegemonia são aqueles que professam um discurso psicopedagógico. Dessa forma quem sabe sobre a educação e portanto fala como especialista na matéria é o (psico)pedagogo – suposto hoje detentor de uma série de saberes “psi” aplicados que possibilitariam calcular os efeitos psicodesenvolvimentistas das metódicas intervenções “educativas” colocadas em ação.” (Lajonquière, 1999, p. 29)

O psicopedagogo teria seu diferencial de conhecimento pautado na psicologia do desenvolvimento e das práticas e mecanismos do ensino-aprendizado, portanto; saberia identificar quais técnicas e formas facilitariam o desenvolvimento natural; respeitando o amadurecimento de suas habilidades.

Em qualquer prática escolar, do psicólogo, a grandes chances de aparecer a pergunta ansiosa, e determinista, dos pais e profissionais da educação: Isso é normal?

Ele/a ta se desenvolvendo normal? Sanando tais perguntas que muitas vezes o psicopedagogo estabelece seu discurso de prática.

Reflete-se, contudo sobre a própria noção de desenvolvimento natural/normal e de amadurecimento, pautadas muitas vezes em noções apriorísticas do desenvolvimento. Tais noções enfatizam as possibilidades orgânicas do sujeito, dispondo o ambiente em um papel secundário no processo de aprendizagem. Seguindo tal raciocínio, é que se estabelece que certas atividades não devem ser conduzidas com os alunos – mesmo sem conhecer estes – por se partir do pressuposto que seu desenvolvimento estará abaixo dessa atividade. Se existe, um desenvolvimento natural/normal a que existir quem defina, estabeleça e enquadre todos os indivíduos nessa condição, algo que em nosso sistema social é determinado pelos agentes do discurso médico – já que o amuderecimento é um fator inerentemente biológico-, seguido dos demais profissionais de saúde.

Em outras palavras, essa busca por resolatividade em conceitos apriorísticos, pode ser a corda que entrelaça a psicopedagogia enquanto prática da medicalização e da patolização. Ao fim, buscando resolver o problema de aprendizado do aluno em si, a psicopedagogia lança este no emaranhado de estigmas e diagnósticos, que o enquadram e o encurralam no processo pronto de doente.

Apesar do reconhecimento das contribuições psicopedagógicas ao campo educacional, a análise de alguns autores as mostram como mecanismo que aprofunda e acelera a psicologização da escola. Como o maior exemplo da subordinação do conhecimento pedagógico e da parte educativa, frente ao conhecimento psicológico, “Quanto mais inflacionada está à dimensão psicopedagógica, mas fica comprometida a educativa” como afirma Lajonquière (1999, p. 24).

Não se deve, todavia, esquecer que o processo de inserção da psicologia junto à prática escolar ocorre juntamente com o movimento brasileiro da medicina higienista. Depois que a Europa, e vários países ao redor do mundo são tomados por epidemias de várias doenças, a medicina incorpora a preocupação para a prevenção. Para isso volta seu olhar para os comportamentos de higiene da população, em especial objetiva adentrar as casas e melhorar a higiene das famílias.

Nesse movimento a medicina se atrela as escolas, que se concretiza como a melhor forma de incentivar práticas de higiene, com o intuito de profilaxia, evitando

doenças e estimulando as práticas saudáveis mais adequadas dentro e fora de casa (Zucoloto, 2007).

Abrem-se dessa forma as portas para que os profissionais de saúde, não apenas o médico, adentrem o campo escolar com o objetivo de evitar doenças. Dessa maneira as profissões de saúde atravessam os muros das escolas e das casas passam a fazer parte do cotidiano das famílias, e a ditar as regras de comportamentos, seja de através de campanhas governamentais ou dos meios de comunicação em massa, dentre outras coisas.

A psicologia dentro do movimento higienista, gerou o movimento de higiene mental nas escolas que pretendia prevenir e tratar transtornos mentais já na infância e analisar e evitar o fracasso escolar (Zucoloto, 2007).

Se o desejo do Estado era a prevenção de doenças mentais, a psicologia ao adentrar a educação passa a ser chamada cada vez mais para auxiliar nas demandas escolares, como o ‘fracasso escolar’, servindo conhecimentos sobre esse humano infantil que frequenta as escolas.

Definiu-se o fracasso escolar como uma falta de adequação, ou desproporcionalidade entre o método de ensino e o nível psicomaturation do aluno (Lajonquière, 1999), com três possíveis causas: a desnutrição, a disfunção neurológica e a dislexia ou má-alfabetização (Collares e Moyses, sd). Repare que, salvo a má-alfabetização, todas as outras causas teriam uma forte relação com aspectos biológicos, isto já resultante da inserção das ciências da saúde/médicas como explicadoras e interventoras no cenário escolar.

Seja qual for o motivo entretanto, pensar no fracasso escolar é pensar que há um padrão escolar de sucesso, ou seja, se define padrões e metas fixadas de conhecimento e habilidade que cada criança deve ter em cada idade, e isso só é possível a partir do conhecimento da psicologia do desenvolvimento e da infância. Pode até ter sido entrelaçada por boas intenções de práticas individuais, mas a psicologia, assim como as demais áreas da saúde ao adentrarem na escola, busca incansavelmente pelo sucesso escolar de todos, embarcandoem um processo de negação do neurótico, que quer desconhecer a impossibilidade da educação, sem compreender que os resultados da educação sempre serão dispares do projeto inicial (Lajonquière, 1999).

A impossibilidade da educação é a impossibilidade de prever o que há por vir, e a necessidade de se compreender que apesar das metas de ensino do filho/aluno este sempre fugirá da regra inicial em alguma medida, afinal ele não é um programa de computador configurável em sua completude (Lajonquière, 1999). O insucesso/fracasso escolar seria determinado em sua grande parte pela aplicação de padrões desvirtuados da realidade do aluno, ou seja, por se esperar que todos os alunos, independentes de seu contexto aprendam na mesma velocidade e seguindo a mesma lógica, os mesmos conteúdos.

Essa ilusão da padronização é a ilusão da psicopedagogia, da educação, ou daqueles que a supõem como 'salvadora do sistema' (Lajonquière, 1999). Dessa forma, muitas das práticas intervencionistas atuais, além de jamais alcançarem perfeitamente a meta desejada, acabam por dificultar o processo de negação e incompletude da criança em seu processo de desenvolvimento.

Na prática é a “escola, que *elege* a Psicologia como **O** fundamento da educação, e o discurso psicopedagógico como o discurso detentor das verdades sobre as falhas no sistema” (Bautheney, 2002). Nesse sentido, é que a psicopedagogia recebe uma super-autoridade, e a expectativa de 'salvadora' de todos os problemas da educação.

Além disso, as práticas psicopedagógicas pressupõem um desenvolvimento psicomaturacional natural. O paradoxo disso, é que ao criar intervenções para retornarem o desenvolvimento da criança natural, cria-se um desenvolvimento artificial, já que intervir é não-natural (Lajonquière, 1999).

De forma irreversível o conceito 'psicomaturacional' acaba por servir como desculpa para práticas omissas, 'é porque a criança não estava na fase maturacional necessária', ou então, 'não se pode intervir por que ela não está na fase ideal'. Tais fases, tal desenvolvimento esperado gera e é gerada pela crença no saber específico de uma ciência psicológica detentora desse saber, enquanto obstrui, e/ou paralisa os demais conhecimentos.

A Psicologização da sociedade de seguridade

Foucault tornou-se reconhecido por mostrar os dispositivos de saber-poder identificados nas sociedades de controle; e como, a partir de mecanismos da sociedade

soberana, podem emergir tais dispositivos, convivendo paralelamente (Foucault, 2001). Ao pensar em tais questões Foucault ressalta a emergência de três domínios para a anomalia na sociedade de controle, o humano monstro, o indivíduo a ser corrigido/delinqüente e a criança masturbadora (Foucault, 2011).

A sociedade disciplinar se caracteriza especialmente pela criação e utilização de dispositivos de poder para controlar as anomalias, circunscreva-las, em um domínio restrito e punitivo, para que a sociedade não venha a desmoronar.

Em seu livro “Seguridade, população e território” (2008), a preocupação de Foucault se torna como, de que forma o estado tipicamente disciplinar, possibilitou a emergência de dispositivos de seguridade, “a segurança é uma certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina” (Foucault, 2008, p.14).

O que se teve com essa mudança foi o deslocamento da preocupação do estado da punição à prevenção, enquanto o disciplinar gera as formas de punição e disciplina, o de seguridade desenvolveu o interesse pela prevenção aos desajustados. Requerido o desejo pela prevenção, o estado passou a gerir através de uma política de governar – arte de governar – diversos âmbitos do território, desde a circulação de pessoas e alimentos, até a higiene e alimentação das populações (Foucault, 2008).

Com o estado intervindo constantemente na vida das famílias com o desejo de manter segura a nação, “o gerenciamento caseiro ascendeu para o domínio político e o estado tomou para si partes das funções de manutenção da vida e da sobrevivência da espécie, antes exclusivamente da família” (Coutinho, 2008, p.40).

A medicina, por exemplo, passou de um dispositivo de tratamento e prognóstico para ter uma ênfase na promoção da saúde, e prevenção de doenças, chamada a essa mudança após as atrocidades epidêmicas na Europa (Foucault, 2008).

Essa preocupação com a infância faz impulsionar ainda mais o interesse pela educação universal, e gera leis, estatutos e regulamentos de proteção a essa geração que está por vir a ser. Tudo isso para prevenir que a geração seguinte não se ‘perca’. Pretende-se nesse momento gerar e incentivar valores morais, juntamente com o apreço pela autonomia, nas crianças para evitar a criação de pessoas desajustadas com a sociedade.

Repare, por exemplo, que no Brasil o movimento pela educação universal foi encabeçado por engenheiros, médicos e advogados; ou seja, por uma dada ‘elite’ intelectual da época que expressava continuamente seu receio pelo futuro da nação (Coutinho, 2008). Desejando responder a essa preocupação, as ciências, em especial as humanas e as de saúde, promoveram grandes estudos sobre a infância, explicando e intervindo sobre os mais variados aspectos dessa fase da vida. A psicologia foi de especial importância nesse período, avançando com os estudos da psicologia do desenvolvimento desde os primeiros dias de nascido até o início da adolescência. Através dessas pesquisas se tinha cada vez mais conhecimento sobre as crianças, e se cobrava da educação que se utilizasse desses conhecimentos (Coutinho, 2008).

O movimento Escola Nova veio necessariamente dessa intenção, referentes às teorizações de Alfred Binet, Maria Montessori, Edouard Claparède e Jean Piaget, entre outros. Construiu um novo tipo de escola que se utilizasse dos conhecimentos da psicologia para promover ainda mais o desenvolvimento das crianças (Coutinho, 2008).

Nesse momento, da Escola Nova, pode-se dizer, com suas ressalvas, que se gerou o embrião da psicopedagogia, pois foi a partir daí que essas duas ciências se propuseram a trabalhar juntas. Desde o início dessa junção que a psicologia acaba por gerar certa autoridade sobre a pedagogia, interessante notar que um dos primeiros cursos de graduação em pedagogia no Brasil convidou Claparède para ser seu diretor, na impossibilidade de sua vinda ele designou Helena Antipoff para o cargo (Coutinho, 2008). Pensando nesse sentido; pode-se dizer que a psicologização da educação foi um processo já realizado no início da junção entre as disciplinas.

Interessante notar que nos cursos de graduação em pedagogia no Brasil a presença da psicologia sempre se faz notar, com grande proeminência de disciplinas. Coutinho (2008), formada em Pedagogia comenta sobre sua própria formação: “a graduação que escolhi era constituída por uma série de disciplinas relacionadas à psicologia: Psicologia Geral, Psicologia da Educação I, II, III, e IV, Dificuldade de Aprendizagem, Psicofisiologia, Psicomotricidade I e II, Psicopedagogia do Adulto” (p. 13).

Gatti e Nunes (2009) analisaram as grades curriculares de 71 cursos de graduação em Pedagogia no Brasil, e constataram que na categoria curricular Fundamentos Teóricos da Educação, se encontram as disciplinas afins a educação como

a psicologia, sociologia, antropologia, e ocupa 26% do curso, sendo a segunda maior categoria atrás apenas da categoria 3. Conhecimentos relativos à formação profissional específica, que ocupa 28%. O trabalho ainda mostra que:

Além das disciplinas exclusivas das áreas afins, existem outras tantas que continuam abordando as temáticas interdisciplinares, dentro delas a psicologia. Portanto, é inegável a presença da psicologia dentro do campo pedagógico, sendo constitutivo de um dos pilares da educação, Coutinho (2008) afirma:

“De forma geral, na trajetória acadêmica e profissional das professoras, projeta-se a busca de descrições que expliquem as crianças em sua “profundidade”, a fim de encontrar elementos que permitam às professoras “descobrir” a melhor forma de educar os alunos. Trata-se de uma tentativa de *desvendar* o sujeito infantil, como se este fosse dotado de uma essencial suscetível de ser descoberta e descrita. Para tanto, lança-se mão de fundamentos teóricos produzidos em especial pela Psicologia que servem como explicações e demonstrações capazes de guiar o trabalho das professoras.” (p. 8-9)

Compreenda-se que nesse momento há outra mudança de interpretação do processo de psicologização, que nem seria um movimento recente. Este também estaria entrelaçado ao início não só da psicopedagogia enquanto identidade profissional e teórica, mas enquanto junção primordial entre a psicologia e a pedagogia.

Coutinho (2002), em sua dissertação pesquisou a formação de locais de lazer para crianças dentro de um shopping. Nessa pesquisa foi constatada uma mudança de objetivo desses locais, enquanto num primeiro momento as crianças eram chamadas para brincadeiras descontraídas e comuns. O segundo momento foi marcado pela mudança de objetivo de espaço, transformando o local de recreação como local de aprendizagem e com atividades que objetivavam o desenvolvimento das crianças;

Ao ver isso é como se perceber a invasão da psicologia dentro do espaço de lazer das crianças, Coutinho (2008) comenta: “para minha surpresa, dois dos três fatores que evidenciaram a incorporação de uma função educativa estavam, de alguma maneira, envolvidos em preceitos da área *psi*” (p.15).

Assim como os espaços de lazer dos shoppings é possível perceber a repetição dessa fórmula em vários âmbitos, inclusive nas grandes mídias e inclusive se expande para além da faixa etária e cultural.

O processo de psicologização da pedagogia está totalmente atrelado a construção de uma sociedade de segurança que cria obsessivamente dispositivos e forma de intervenção para prevenir o fim da própria constituição. Assim como o Alienista se presta a observar os menores comportamentos fora do padrão à marca de uma patologia que virá a ser.

Para não Concluir

Desde o início da empreitada desse texto, mais que responder absolutamente as questões, meu interesse era poder refletir e abranger o conhecimento sobre elas, e através destas muitas outras reflexões poder surgir.

A patologização processo de enquadrar a vida humana em manuais de patologias atrela-se a um processo de medicalização que reduz, que empacota todos num discurso médico, que transforma os comportamentos ajustados e não ajustados, problemáticos ou desejados, a explicações reduzidas a discursos médicos de ‘normal ou patológico’ (Bautheney, 2001). De forma enfática é na infância que este discurso se torna modelo de fazer a educação, representativo da verdade, ganhando contornos práticos no boom de diagnósticos já nos primeiros anos de vida.

A psicopedagogia gestada com o intuito de auxiliar na superação dos males da educação, do fracasso escolar, e da incompatibilidade às vezes forte, entre sistema educacional, escola, funcionários e alunos, desenvolve diversos estudos, técnicas e formas de trabalhar para fazer jus a sua demanda. Contudo, percebe-se a vasta possibilidade de intervenções e práticas dessa área, o que podem levar a uma dificuldade na hora de constituir uma identidade profissional precisa e sistemática. Por outro lado, a psicopedagogia com ânsia de responder as demandas que lhe são designadas, pode acabar caindo num processo que ao invés de libertar o aluno o torna prisioneiro de um discurso psicologizador.

Se por um lado a psicopedagogia tem demonstrado certo incentivo a essa psicologização da infância com Coutinho (2008), e a luz de Foucault (2006), pode-se aprofundar e reparar que desde o nascimento da escola universal e de movimentos como a Escola Nova, e paralelamente com os movimentos higienistas, a pedagogia foi englobada a psicologia, muitas vezes entendida como sendo uma prática, a intervenção dessa outra.

Essa junção histórica seria produto, e posteriormente produtor, do processo de valorização a prevenção e a seguridade, ao ato de governar uma nação, próprias das sociedades de seguridade (Foucault, 2006). Nesse sentido, o pensamento psicopedagógico viria de muito antes da psicopedagogia profissional que está envolta nos debates atuais. Pode-se ainda hipotetizar que o nascimento profissional da psicopedagogia vem do desejo de ultrapassar o receio pelo ensinar dos pedagogos, que ao se especializarem se sentiriam mais aptos a entender processo psicológico da infância e, portanto, de intervir nele. Da mesma maneira, a psicologização seria produto da atual forma de agir da sociedade e de seu interesse por controlar e prever o que virá.

Não é discutível o aumento considerável de formas diagnósticas formais, dentro dos manuais diagnósticos, ou informais, a partir da auto-diagnosticação da nossa sociedade. Os dois casos porém só são possíveis através de uma mudança de demanda da **população** que se empreendeu ao longo dos anos. Portanto, sendo elementos da demanda do tipo de sociedade defendido, é interessante se perguntar: a questão é a psicologização e a psicopedagogia, ou uma sociedade pautada na obsessão na prevenção da anomalia?

Como proposto, este artigo não conseguiria por fim a discussão, cabendo mais a intenção de provocar, e de tensionar práticas naturalizadas, para quem sabe co-construirmos novas práticas conscientes das relações de poder envoltas no discurso. Sendo no processo de conscientização, a base da transformação social, como bem disse Paulo Freire

Referências

- ANDRADE, Márcia S de. Rumos e diretrizes dos cursos de psicopedagogia: análise crítica do surgimento da psicopedagogia na América- Latina. *Cadernos de Psicopedagogia*, 3(6), 70-71. 2004.
- ASSIS, Machado de. **Obra Completa II: O Alienista**. Nova Aguilar, Rio de Janeiro - RJ. 1994
- AZAR, Eliza Reflexiones sobre el campo psicopedagógico La psicopedagogía escolar. *Diálogos Pedagógicos*, 10 (20), 74-98. 2012. Recuperado em 31 de janeiro de 2017, de <<http://revistas.bibdigital.ucc.edu.ar/index.php/prueba/article/view/563/11>>

BAUTHENEY, Katia. Clínica psicopedagógica ou psicologização do cotidiano escolar?: Delimitando dois campos distintos. **COLOQUIO DO LEPSI IP**, Faculdade de Educação-USP, São Paulo. 2001.

BAUTHENEY, Katia. *Psicopedagogia: considerações sobre o futuro de uma outra ilusão*. **COLOQUIO DO LEPSI IP**, Faculdade de Educação - USP, São Paulo. Outubro de 2002.

COLLARES, Cecília A S.; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **A Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico (A patologização da educação)**. (sem cidade), 25-31. s.d. Recuperado em 31 de janeiro de 2017, de http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_23_p025-031_c.pdf

COUTINHO, Karyne. **A emergência da psicopedagogia no Brasil** (tese de doutorado). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo – SP, Coleção Tópicos: Martins Fontes. 2001.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo- SP, Coleção Tópicos: Martins Fontes. 2008 .

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GATTI, Bernadette; NUNES, Maria Muniz Rossa (Org.) **Formação de Professores para o Ensino Fundamental: estudos dos currículos das licenciaturas de Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Biológicas**. Departamento de Pesquisa Educacional - Fundação Carlos Chagas. São Paulo. março, 2009

GONÇALVES, Luciana. **Psicopedagogia: formação, identidade e atuação profissional** (monografia de especialização). Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campina (PUC – Campinas), Campinas – SP. 2007

KAMERS, Michele. A fabricação da loucura na infância: psiquiatrização do discurso e medicalização da criança. *Estilos da Clínica*, 18(1), 153-165. 2013. Recuperado em 31 de janeiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000100010&lng=pt&tlng=pt.>

LAJONQUIÈRE, Leandro. **Infância e ilusão (Psico) Pedagógica: escritos da psicanálise e educação**. Petrópolis – RJ, Editora Vozes. 1999

LINS, Flávia. A psicologização da psicanálise na educação: um estudo de sua origem em S. P.. In: O declínio dos saberes e o mercado do gozo, **COLOQUIO DO LEPSI IP**, Faculdade de Educação-USP, São Paulo. 2010

MEIRA, Marisa Eugenia Melillo. *Para uma crítica da medicalização na educação*. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo - SP. 16 (1), 135-142. janeiro/junho de 2012

NUNES, Terezinha; CARRAHER, David William; SCHLIEMANN, Analúcia. **Na vida dez, na escola zero**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 182 p.

SISTO, Fermino Fernandes.; BORUCHOVITCH, Evely.; FINI, Lucila Dihel Tolaine; BRENELLI, Roseli Palermo.; MARTINELLI, Selma de Cássia. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes. 2002

SCHINDLER, J. C.; AGUIAR, W. M. de; DUNNINGHAM, W. A. As Bases Teóricas da Psicopedagogia e suas Relações com o Conhecimento Psicanalítico. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**; 19(1): 29-38. Jan/Abr de 2015. Recuperado em 26 de março de 2017, de < <https://revneuropsiq.com.br/rbnp/article/view/129/60> >

SOARES, Jacy. A questão psicopedagógica numa perspectiva topológica: Articulação com outros campos de conhecimento e as implicações na prática. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Ano IX – Nº 16, 92-101. jul./1999. Recuperado em 26 de março de 2017, de < <http://www.somaticaeducar.com.br/arquivo/artigo/1-2009-07-03-14-54-20.pdf#page=91>

ZUCOLOTO, Patricia Carla Silva do Vale. O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escola. **Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 17(1), 136-145. 2007.

Recebido: 7/2019. Aceite: 16/11/2019.

Sobre autor e contato:

Phagner Ramos - Mestrando em Psicologia/PPG Psicologia da UFPE

Endereço: Rua Brg Antonio de Sampaio - Cidade Universitária, Recife – PE.

E-mail: phagnerramos@gmail.com